

# Património dos Pobres

O Património dos Pobres completa, agora, 37 anos. Ainda que, na maior parte, se tenha evoluído para o sistema de «pequenos auxílios» à Auto-construção, é pertinente evocar a efeméride. Provocou inquietação em muitas almas de boa ventade, uma revolução pacífica em todo o mundo lusitana; e, naquele tempo, abriu os olhos aos mais responsáveis:

Chegou o dia. Tinham-se convocado e pedido nesgas de terreno aos principais da freguesia de Paço de Sousa, tendo alguns dito que sim. Não se foi além de cinquenta metros quadrados, o indispensável para instalar a casa, com medo de não sermos atendidos...

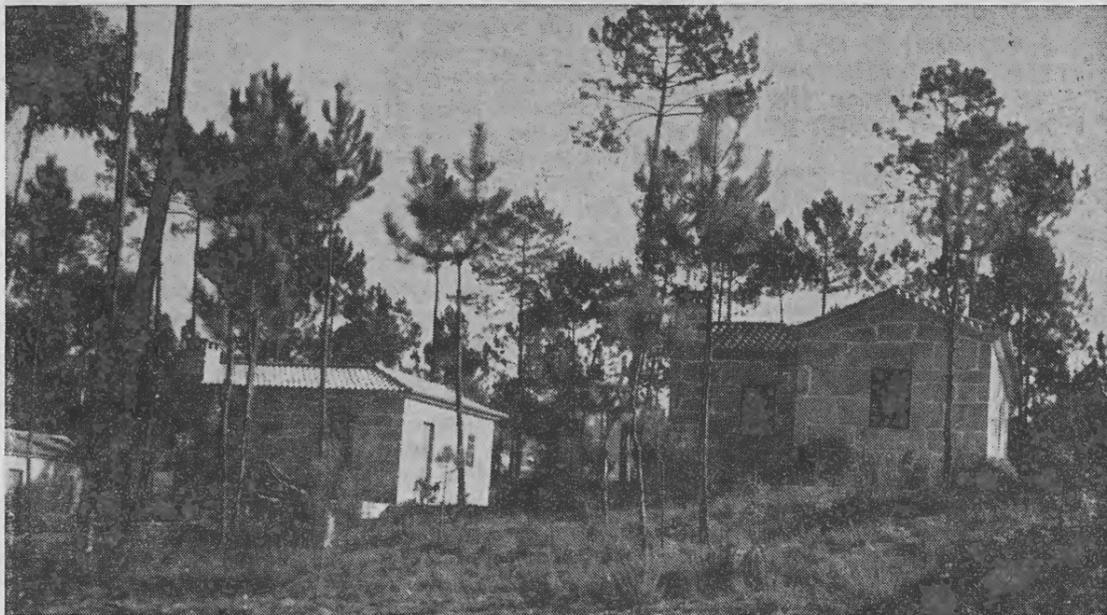
Os pedreiros começaram a trabalhar em Fevereiro do ano de 1951, tendo trocado por

alegria o medo de entrar em suas casas. Enquanto se abrem os caboucos, dá-se notícia e pede-se licença à Câmara de Penafiel. Não veio resposta. Quem cala, consente.

As casinhas são rentes à berma da estrada. O povo vê e leva para outros a palavra, tal como a abelha o pólen das flores; e ela vai germinar. É boa semente. Caindo em terreno bom, produz cento por um.

Compreende-se que as autoridades locais tivessem emudecido, sem exigir. É a grandeza das leis e dos homens quando aparece em campo a Lei divina. Houve, sim, algures, uma Câmara que embargou. Porém, as pedras da rua levantaram-se e deputados no Parlamento, também.

Nós temos de compreender e acreditar na força dos Pobres,



que o mesmo é dizer na Justiça imanente de Deus. A estas primeiras casas levantadas à beira da estrada, seguem-se outras mais.

Tínhamos dado um grande passo numa aventura de Deus...

Ninguém se atreva a levantar qualquer obra por si mesmo, nem acredite no êxito que ela possa vir a ter. Se não tem Deus por fundamento, não

presta. Quem não semeia na vinha do Senhor, desperdiça.

As primeiras dezoito casas que levantámos no ano de 1951, atingiram milhares de corações e fizeram muita luz na inteligência dos homens; não certamente por via d'O GALATO,

mas sim porque cada uma delas é um monumento erguido a Deus, ao serviço dos Seus Pobres.

*P. Américo*

## UM CENTENÁRIO

Foi em 31 de Janeiro que passou um século sobre o nascimento para o Céu (dies natalis) de S. João Bosco e por isso a data que a Igreja consagra à sua memória.

Em uma carta sua aos seus filhos espirituais, que a Liturgia das Horas toma para leitura desse dia, recomenda-lhes: «Nunca vos esqueçais de que sois representantes dos pais desta querida juventude que foi sempre o terno objecto das minhas preocupações, dos meus estudos, do meu ministério sacerdotal e da nossa Congregação Salesiana». E mais adiante insiste: «Olhemos como filhos nossos aqueles sobre os quais exercemos alguma autoridade. Ponhamo-nos ao seu serviço como Jesus que veio para obedecer e não para dar ordens, envergonhando-nos de tudo o que nos possa dar a aparência de dominadores; e se algum domínio exercemos sobre eles, há-de ser apenas para os servir melhor».

É confortante para nós, pela

confirmação que representa, este fundamental sentido de família, a temperar as relações entre educadores e a «querida juventude», sentido este que estava no pensamento e esteve na prática de S. João Bosco.

Pai Américo encontrou-se com ele neste mundo apenas três meses e oito dias, mas foi bafejado com o mesmo sopro do Espírito que o conduziu ao longo do seu ministério sacerdotal e que sintetizou naquela frase tão conhecida: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Neste dia juntámos na mesma prece ao Senhor que inspirou os Seus servos João Bosco e Américo, as intenções dos filhos espirituais de ambos, para que sejam sempre fiéis ao carisma dos seus Fundadores e cresçam na humildade e mansidão que se aprende do Coração de Jesus — virtudes que são teia e trama com que se tece a Família que aspiram e lhes compete ser.

Padre Carlos

## AQUI LISBOA!

«Leão XIII falou de Roma aos cristãos do mundo inteiro e delataram-se a dormir. A palavra era dura demais!» (Pai Américo)

Aguarda-se com ansiedade a encíclica de João Paulo II, na continuidade da «Laborem Exercens», sobre o trabalho humano, e no seguimento dos documentos publicados pelo Magistério, sobretudo desde o acima citado e os que lhe sucederam.

É preciso que os cristãos não se limitem a «ouvir» a doutrina, mas que sejam conseqüentes, pondo-a em prática, tendo em conta a dignidade da pessoa humana e o primado desta sobre os objectos e que o trabalho é para o homem e não este para o trabalho.

Vale a pena referir, pela sua actualidade, o comunicado vindo a lume, há dias, do Secretariado Permanente da Comissão Nacional Justiça e Paz, a propósito da nova lei laboral, comu-

nicado que subscrevemos inteiramente e que importa ler com atenção se queremos salvaguardar os valores éticos, rejeitando o chamado «economicismo», que se dá «quando o trabalho é considerado exclusivamente segundo a sua finalidade económica» (citado da Lab. Ex. 13).

Não cabem no âmbito destas colunas especulações, ainda que bem ordenadas, sobre os problemas técnicos concretos da vida económica e do trabalho. Solidários com todos os homens, sobretudo com os mais fracos, mais não pretendemos que o respeito pelas pessoas impere e que a justiça seja ressaltada, construindo-se, assim, uma sociedade mais harmónica e pacífica, onde todos tenham lugar, sem discriminação de qualquer tipo.

Duas notas queremos aduzir hoje, pelas implicações graves no contexto social e pelas sequelas a que dão lugar. A primeira refere-se à praga dos

salários em atraso, crime que brada aos Céus, sobretudo quando se passa ao nível oficial. Quem foi empregado 16 anos e viveu do seu ordenado, tem muita dificuldade em entender e aceitar tal situação, que todos os meses era preciso pagar casa, pensão e transportes, para lá de outras despesas essenciais...

A segunda nota vem a propósito de um escrito de Pai Américo: «Agora que tenho casas de pé e gente a trabalhar nelas, regalo-me (o sublinhado é nosso) a pagar o jornal a quem trabalha, pelo que o mundo me tem roído na pele: — Não há direito que o Padre Américo nos estrague os salários!» Infelizmente, tal mentalidade, denunciada pelo nosso Fundador, persiste, esquecendo, como se diz no comunicado acima referido, da Comissão Nacional Justiça e Paz, que «é próprio da natureza do trabalho que a ele fique ligada a pessoa do trabalhador

Cont. na 3.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É um pensionista com pouco mais de cinquenta anos e filhos por criar.

Apesar de e por causa das milhéntas carências do seu viver, da sua cruz, procura um lugar ao sol com serenidade. A tranquilidade dos santos!

Não há melhor *Universidade* do que andar por lá, humildemente, entre os Pobres, onde há de tudo para que o sal condimente a acção.

— *Se não puderem acudir, paciência. A gente cá s'ajeta como Deus quiser...*

Servimo-lo no que pudemos, como pudemos.

A despedida, enquanto apertamos as mãos, volta a subir às Alturas:

— *Que Deus vos recompense. Eu não posso...*

São assim os homens de Fé!

● Aquele Autoconstrutor — referido na primeira edição de Janeiro — já tem a casa matriciada na repartição de finanças; e, pronta, a instalação eléctrica. Contento que nem um sino!

— *Não tenho massa p'ra tudo. Nada está em perigo...! Se não puderem deitar a mão..., tenho de me sujeitar.*

Os Pobres são assim. E falam assim. A instalação eléctrica orçou por mais de vinte contos. Agora, requero *baixada* à EDP.

Não tarda a receber luz. E os filhos a estudar, à noite, em melhores condições. Talvez com mais apetite.

É curioso sublinhar o substantivo! Na população residente no concelho, em 1981, entre 42415 cidadãos com mais de 15 anos, 8959 não sabiam ler nem escrever! Taxas d'analfabetismo: 26,4 % de homens, 15,5 % de mulheres. Média: 21,1 %.

Um recente estudo oficial sobre a Região Norte, dá para o Vale do Sousa uma das maiores percentagens de insucesso escolar.

Falam os números. O resto... é para todos, d'alto a baixo, mais ou menos interessados no fundo da questão.

**PARTILHA** — A presença habitual do assinante 11902, do Fundão: «*Mensalidade de Janeiro, actualizada segundo a inflação esperada*», 4.000\$.

Assinante 20554, da rua Santo Ildefonso, Porto, uma nota de cinco contos. Repetimos: quando se lembrar dos Pobres, convém ter a bondade d'enviar directamente.

De Oliveira do Douro, o assinante 9790 aparece muitas vezes, sempre com motivos de reflexão:

«*Uma oração ao Senhor por todos os nossos Irmãos que sofrem física e moralmente, para que não lhes falte todo o amparo e carinho de que precisam e, assim, vençam a provação.*»

Eis a Boa Nova!

Um cheque da assinante 44298, «*em sufrágio da alma do meu marido, para ser utilizado no que for mais necessário neste momento.*»

Três contos do assinante 23618 e um estímulo: «*Que o ano de 1988 seja propício e, com a ajuda de Deus,*

*possam caminhar em frente, sem desfalecimentos, na missão que Pai Américo legou.*

Aldeia Nova de S. Bento, assinante 23301: remanescente de contas d'O GAIATO «*para uma Viúva que mais necessite.*»

Topamos riquíssimas formas de anonimato!: A assinante 24851 corta uma tira do *Famoso* com o número de inscrição e lavra uma brevíssima legenda: «*Para uma mãe aflita protegida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*» — 500\$00-

«*Avó de Sintra*», perseverante, manda um «*cheque destinado à família do costume*» com o pedido «*de que me perdoem a demora, pois estou com muita idade, cuído de assuntos dum irmã mais idosa e a minha memória vai falhando.*»

Delicadeza cristã!

Mil escudos, em vale postal, pela mão da assinante 5484. Não enviou há mais tempo, afirma, porque «*continuo doente e mal posso escrever.*» Boas melhoras!

«*Um grupo de Vicentinas*», de algures, entrega um óbulo à assinante 19362 para os nossos Pobres; e ela acrescenta 2.000\$00 «*para a Viúva mais necessitada da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa.*»

Outro vale postal; agora, da assinante 27952, de Aveiro: «*Perdoe mandar tão pouco. Porém, vai com muita estima e carinho.*»

Serafim, de Vila Nova de Gaia, com «*mais uma migalhinha para juntar às dádivas destinadas aos Pobres.*»

O costume, da assinante 27063, destinado «*aos mais necessitados.*» Quem mais sofre, mais precisa de nós.

A esposa do assinante 3107 remete sobras «*para ajuda daquilo que entenderem. É pena ser pouco, mas nesta altura temos de dividir por várias obras e há tanta gente a precisar de auxílio! É preciso estar atento e, pelo menos, amor e um sorriso há sempre que dar.*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Lar de Coimbra

**ESCOLA** — Começou o 2.º período. A dinâmica do nosso estudo tem sido a procura da perseverança, no meio de tantos factores que nos condicionam.

O final do ano ainda não é agora. Virá a seu tempo. Então, nesse momento, será registado, na pauta, o fruto das nossas acções durante o ano lectivo.

O Spinoza e o João Pedro, dois novos na Casa, com os seus problemas, têm dificuldades.

Outros, do 1.º ano do Ciclo Preparatório, apagados no princípio, revelam algum progresso na dedicação ao estudo. A mata do Unificado, madura nestas andanças, labuta afinadamente.

Houve dois que deixaram de estudar. Esperamos que, por outros caminhos, encontrem motivos para singrar na vida.

Fez-se uma revisão de vida, esclarecendo fraquezas.

Tudo foi a tribunal e esclarecido em família.

**DOAÇÃO** — Baixa, cabelos brancos, simples, humilde e preocupada com os gaiatos.

É uma senhora que, há muito tempo, vem sempre ajudar-nos: na lavagem e preparação da roupa.

Também pobre como nós; e

## O que a vida será

*Respira, respira o ar  
Não tenhas medo  
Deixa que o mundo se erga ao teu redor*

*Olha à volta, escolhe tu próprio  
Escolhe a tua própria terra.  
Por muito tempo viverás  
E alto voarás!*

*Muitas lágrimas verterás,  
Mas, com o teu sorriso as esquecerás.  
E tudo o que tocares  
Tudo o que vives*

*É tudo o que a tua vida sempre será!  
Foge, Homem, fuge!  
Esquece o sol.  
E até que o último trabalho esteja feito*

*Não te sentes  
Pois, é então tempo de começar outro!*

*Por muito tempo viverás  
Alto voarás.  
Mas só se souberes «construir» o destino*

*Evitarás a amargura da vida.  
Então tudo o que tocares,  
tudo o que vives,  
Parecerá mais feliz  
E não será jamais  
Tudo aquilo que a tua vida será.*

António F. Almeida  
21-11-87



Dois netos da Obra da Rua (os primeiros que se consorciaram), Venâncio e Augusta, filhos do Joaquim Mendes («*Jotinhas*») e do Gomes («*Choninhas*»).

como os pobres ajudam os pobres, assim a vida torna-se bela!

Hoje, abri a porta. Chovia muito. Vinha passar a ferro e fazer a habitual companhia.

A primeira coisa que pergunta: se queria ajuda na cozinha. Eu já tinha tudo em ordem!

Os antigos gaiatos que passaram por Coimbra, devem lembrar-se desta Amiga. Continua a servir-nos e recorda todos, um por um.

Sempre preocupada pela vida. Se corre bem o estudo. Tem que correr, senhora Teresa!...

Já viúva, com filhos casados e já com netos, sempre que pode, vem dar a mão aos seus gaiatos.

Bem haja!

Guido

## Miranda do Corvo

**CRISMA** — Consciência pessoal de ser cristão.

Um grupo dos mais velhos prepara-se, com a ajuda dos professores primários, para esta consciência integrante da pessoa na aceitação do Baptismo: ser de Cristo, para Cristo, por Cristo.

**DESPORTO** — A chuva tem impedido a prática do futebol. Mas sempre que há hipótese, corremos ao campo para desenferujar os ossos.

Desde que terminou o Torneio Inte-Casas, não realizámos um único jogo!

Esperamos por equipas que se disponham a jogar connosco. No nosso campo será apetitoso enfrentar os nossos craques.

Marcai datas. Telefonai ou escrevei. Veremos as possibilidades. Agora, apontai: Grupo Desportivo — Casa do Gaiato — 3220 Miranda do Corvo.

Guido

Serafim

## Reflexão dum Avô

«*Remexo nos livros e documentos a memória da nossa gente que, desta ou daquela maneira, serviu o País no ou com o Exército. O trabalho vai adiantado, mas é, pelo menos, delicado. No resto do tempo, apoio as filhas e os netos e, cada vez mais, estou nisso empenhado. De resto, é um trabalho hoje muito necessário. Os pequenos cada vez têm, ou têm tido, maiores dificuldades em conviverem com os pais. Os avós estão a aparecer como o recurso ideal para compensarem essa carência. De resto, algo nas sociedades mais evoluídas está a aparecer como muito difícil de resolver. Novos modelos quanto à educação, à vida profissional e às relações*

## Paço de Sousa

**DESPORTO** — No dia 23 de Janeiro houve um jogo para os mais pequenos. Defrontámos a vizinha equipa das Cavadas.

Os nossos miúdos são uns craques e fizeram um grande jogo, desde o «*Bananas*» a dois gémeos que temos. Chamam-se: Zé e Toni. Ambas as equipas, fortes tecnicamente; mas a nossa não teve dificuldades em vencer por um claro 3-0.

É uma alegria para os mais novos terem jogo. Portanto, peço às colectividades que venham dar a alegria aos nossos «*Bataúnhas*».

**VINHA** — Há mais ou menos dois anos, grande parte da mata foi destruída para se plantar uma grande vinha.

Fui lá ver as videiras e explicaram que vão demorar a crescer e o aspecto que têm é normalíssimo, nesta altura. Pois então, cresçam para bem de todos.

**ANIMAIS** — A vacaria continua sem animais. É pena!

Há muito tempo que não temos leite nosso. Era tão bom!

Estamos à espera de mais vacas... E continuamos, também, sem porcos. Morreram com a peste suína. Resta um rebanho, também escasso. É asar, mas esperamos, brevemente, que a nossa quinta volte a ter mais animais.

**BARBEIRO** — A partir de agora, temos cabeleireiro um dia por semana para nos cortar o cabelo.

É um antigo gaiato, já casado, o Jorge Alvor, mais conhecido por «*Eusébio*», que já foi chefe-maioral da comunidade de Paço de Sousa.

Actualmente, trabalha no Porto e reside em Paço de Sousa.

Guido

Serafim

sociais e de cidadania. O Mundo e o seu governo e os seus governos, e os seus responsáveis, estão cheios de gente muito nova, pouco madura, que julgam que não envelhecem e que rejeitam a ponderação dos pais. Ouvirão os avós? O que vão fazer aos milhões com mais de 60 anos e aos milhões com menos de 20, a uns arredando-os e aos outros bloqueando-os? Daf, talvez, a solidariedade que se manifesta entre avós e netos. Será assim?

Assinante 23768»

## — IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

## TRIBUNA DE COIMBRA

■ Pára, deixa passar o Outro. Atende aquele que está caído e dá-lhe a mão. Não vires as costas Aquele que te pede.

Jesus Cristo deixou-nos estes sinais de alerta. Deu-nos como modelo o Samaritano. Foi o Samaritano que ganhou a Vida Eterna, porque amou o que jazia prostrado à beira do caminho.

Tantas vezes tenho passado naquela aldeia e visto aqueles casebres. Naquela tarde de chuva miudinha vi crianças a brincar na lama, ali perto. Parei e dirigi-me a elas.

Soube dos pais que andavam

perto; dos irmãozitos que ali não estavam. Vi as duas meninas, de um mês, deitadas no pobre bercito. Não devo dizer mais nada do que vi.

Alguns tempos depois chegam os casais. Não tinham ido ganhar o dia. A tristeza estampada no rosto de todos. Falámos dos filhos, do trabalho. Falámos das suas «casinhas» sem condições de espaço. «Se nos dessem as coisas, a gente fazia...»

Mais adiante, encontrei um casal cristão. Disse do que tinha visto e do que tinha escutado. Olharam muito para mim e disseram: — **Ainda há pior!** Fui ver os cinco filhos que dormem todos num curralito. Fui a outro lugar ver uma grande mistura familiar e todos sem o seu lugar.

Procurámos falar com todos os casais. Animámo-los a dar as mãos e aceitar as dos outros. Prometemos os materiais. Eles prometeram a mão d'obra. Procurámos e falámos com os Autarcas da Câmara. Vieram. Prepararam riscos para as obras. Não puseram dificuldades. Prometeram ajudar.

Um fim de semana de esperança!

No dia seguinte ficou tijolo e areia nos respectivos terrenos. Já falaram a mestres para fazerem as paredes. Há muitos sorrisos de esperança, sobretudo os sorrisos das crianças.

■ Deixo, aqui, o testemunho duma aldeia. E quantas como esta — ou piores ainda — neste nosso Portugal? E nós passamos e passeamos para trás e para diante, nas nossas estradas, e não damos ou não queremos dar conta!

Sabemos que os últimos anos de vida de Pai Américo foram uma corrida ao serviço da construção de casas para as famílias mais necessitadas. Andamos com os ouvidos (e alguns com o coração) cheios de lindas palavras com a celebração do seu Centenário. Que vamos fazer?

Os Padres da Rua estão com desejo, dentro das possibilidades da Obra, de ajudar todos os que mais precisam de fazer ou aumentar ou reparar as suas casas. Há párocos que sofrem situações de muita carência de seus paroquianos e estão dispostos a ajudar. Há casais animados e conscientes em partilhar sua vida com os mais pobres. Há autarcas cheios de boa vontade para encontrar e resolver os problemas habitacionais de suas áreas.

Todos de mãos dadas. Não desanimemos com os que estão com vinho. Com a sujidade em que alguns vivem. Com a preguiça que amarra os membros de muitos. Com a má educação de tantos.

O Samaritano dá tudo o que seja necessário. Assim, todos ganharemos sempre.

Padre Horácio

## AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

e por isso a empresa tem de ser considerada não como mero empreendimento lucrativo, mas como uma comunidade de pessoas onde se tecem relações e criam solidariedades».

É evidente que, nesta época de consumismo e de ambições desmedidas, em que muitos nada ou pouco querem fazer, mas pretendem usufruir grandes proveitos com o recurso frequente ao absentismo fraudulento ou ao pluriemprego, quando não às horas extraordinárias desnecessárias, se estabeleça um *modus vivendi* onde todos assumam as suas responsabilidades e se estabeleçam, de facto, «comunidades de pessoas». Certamente, porém, que o exemplo deve vir de cima, isto é dos mais fortes ou influentes. E nisto, como em tudo, que não sejam os cristãos a «deitar-se a dormir».

Padre Luiz

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

ELEIÇÕES — Dia 5 de Março, às 14 horas, no Lar do Porto, teremos eleições para a constituição do novo elenco directivo da nossa Associação.

Trata-se de um acto que consideramos de muita importância. Ou queremos a concretização de uma Associação que vá ao encontro dos seus objectivos, o que para isso nos obriga a estar presentes para darmos o nosso voto, ou então não vamos continuar a brincar às Associações e deixar que o sonho de alguns nossos irmãos morra quase à nascença.

Lembramos o capítulo 1.º — Artigo 3.º dos Estatutos da Associação:

a) Divulgar e pôr em prática os princípios da doutrina de Pai Américo;

b) Promover a amizade, substanciada no apoio moral e sempre que possível material, aos gaiatos que se encontrem em situação de dificuldade;

c) Estreitar os laços com a Obra da Rua e prestar à mesma toda a colaboração.

São estes os objectivos que pretendes? Então, comparece no próximo dia 5 de Março e escolhe os elementos que consideres mais capazes de os concretizar.

Carlos Gonçalves

## Lar de S. Domingos em Lamego

A situação do Afonso continua forçosamente a preocupar. Agasalha-se com o firmamento que não deixa ver estrelas, mas das espessas e sombrias núvens cai uma chuva im-

pertinente. Não vale a pena falar em vento e frio... Não vale a pena falar na roupa que está continuamente encharcada, mesmo que nem sempre esteja a chover...

Foi genial a ideia de que cada terra cuide dos seus Pobres; mas numa área de três quilómetros são todos tão pobres como o Afonso. Há 100 famílias a viver em casas que não são propriedade sua e cujas rendas mensais, na melhor das hipóteses, não ultrapassa os 300 escudos... E isto se a casa tiver vidro sim e vidro não, com uma porta só com ferrolho. As pessoas e os animais domésticos têm todos a mesma entrada...

O Afonso teria sorte se fossem postas em prática certas conclusões de semanas de estudos sociais que algumas vezes se realizam. Quem poderá descobrir as «riquezas» de que o Afonso é portador como deficiente mais que profundo? E que perspectivas se poderão tirar, neste caso, do «misterioso significado humano e cristão» da sua vida?... Qual poderá ser a integração familiar do Afonso, se ele não tem pais, nem irmãos nem qualquer parente mais próximo, ou mais afastado?... E que poderá fazer

# Autoconstrução

De muitas partes do País chegam cartas de párocos aflitos por amor de famílias vivendo, ainda, em pardieiros que não merecem o nome de casas. Outros não dormem tranquilos, em suas residências, enquanto não virem acabadas as moradias começadas com muito sacrifício.

São padres à maneira de Jesus de Nazaré. Aprendem do Mestre que só há verdadeiro progresso social quando a família tiver casa onde entre o sol; onde os pais, os filhos e filhas tenham o seu lugar. Perceberam que grande parte dos males sociais nascem da falta de moradia decente, onde pais e filhos encontrem o aconchego, sem ter necessidade de fugir para a taberna ou para outros lugares onde se vai perder o gosto de viver em família.

Há operários e trabalhadores do campo que desejam construir, mas têm medo de ficar pelo caminho, por falta de meios.

Outros, ainda, enchem-se de coragem e começam, na esperança de chegar ao fim.

A Autoconstrução é caminho certo para a solução do problema habitacional, com particular incidência nos meios rurais. Impõe-se dar a mão a estes heróis desconhecidos. Eles têm a primeira palavra. As comunidades onde vivem, um papel importante. As autarquias devem considerar tarefa prioritária a preparação do terreno, facilitando o aproveitamento deste capital humano, o mais precioso de uma nação. O Governo tem obrigação de legislar, de modo acessível, ou de implementar legislação encadernada nos «Diários da República» para esta camada da

povoação que unicamente pede e tem direito a um bem insubstituível, como é o da habitação.

Há algumas leis que abrangem instituições: Cooperativas para habitação e outras similares. É alguma coisa. Mas é muito pouco. Como fazer chegar a legislação adequada ao grupo muito numeroso de Autoconstrutores que por esse Portugal vai levantando casas, contando apenas com o capital humano de que dispõem sem o apoio financeiro de uma lei que contemple o investimento que fazem, sabe Deus como, e com que demora, que pode levá-los ao desânimo? A carta dum pároco que temos, entre mãos, é testemunho bem eloquente:

«Venho solicitar um subsídio para o meu paroquiano F. que, com muito sacrifício, começou a construir a sua casa, há oito anos, e ainda não a conseguiu concluir.

Vivem exclusivamente da lavoura..., mas são caseiros. Têm sete filhos. O edifício que andam a construir consta de três quartos, uma sala, uma cozinha, uma despensa, um quarto de banho e loja para arrecadação...»

Uma casa onde nada aparece a mais. Somente o necessário para uma família normal.

Pai Américo lançou o movimento do Património dos Pobres, agora agindo sob a forma mais comum dos «Pequenos Aulios», para dar a mão a estes heróis espalhados pelo nosso Portugal. Mais que uma solução, é uma voz para incomodar adormecidos e chamar a atenção dos que têm em suas mãos o poder de decisão.

Vamos agir e dar a mão aos pedidos que nos chegam!

Padre Manuel António

## COLECCÃO EDITORIAL da Casa do Gaiato

Livros de Pai Américo: **Pão dos Pobres** (quatro volumes), **Obra da Rua, Isto é a Casa do Gaiato** (dois volumes), **Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina** (três volumes), **Cantinho dos Rapazes, Notas da Quinzena e De como eu fui... Crónicas de Viagem.**

Livros doutros autores: **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **Calvário**, Padre Baptista (esgotado); **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e vida**, obra compilada por Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; e **Lodo e as Estrelas**, de Padre Telmo.

Padre Duarte

# Nota da Quinzena

O Rato e o Ilídio dão o tema desta nota.

Ao redigi-la, vou saboreando os primeiros passos de cada manhã, ao longo dos quinze dias.

Enquanto os rapazes se preparam para tomar o pequeno-almoço — uma tigela com leite quente e pão barrado com manteiga — subo as escadas que dão para o santuário onde celebramos a Eucaristia. É nesta subida que se dá o encontro de todos os dias: O Rato desce as escadas com o Ilídio ao colo. Trá-lo bem seguro nos braços, bem encostado ao peito. Vai por ele à cama e leva-o para a mesa. Momento delicioso!

É o rapaz que dá e recebe. Dá carinho e recebe ternura. O mais velho fez, há dias, 18 anos. O mais pequenino anda ainda nos quatro. Entre um e outro nasce uma torrente de carinho e ternura que vai modelando o ser dos dois.

Quem pode viver sem amor?

Costuma dizer-se que o coração da mãe é a central do amor. Quanto mais pequeninos, mais perto estamos da fonte do amor. A técnica, na educação, só vale na medida em que está ao serviço do amor.

Temos recebido visitas de gente preparada em escolas da especialidade: assistentes sociais, técnicas do serviço social, pessoas que frequentam cursos de ciências humanas. Trazem as suas opiniões. Dão conta de muitas limitações dentro da vida da nossa Casa. Escutamos com atenção. Agradecemos. Mas que vale toda a ciência se não estiver ao serviço de um coração de mãe?

O Rato não tirou curso algum. É pobre, limitado. Mas dá todos os dias uma lição. Sendo grande, faz-se pequenino. Ensina e aprende. Que valor não tem a ciência quando é recebida por um coração humilde e simples? Transforma-se em sabedoria. Abre caminhos

para o crescimento equilibrado da criança, do adolescente, jovem e adulto. Ajuda a descobrir valores escondidos e põe-nos a render. Assim, sim!

O garoto que nos bate à porta é um tesouro inexplorado. Ah, se te deixasses consumir pela paixão de arrancar a criança do lixo em que vive, terias a recompensa dos cem por um do Evangelho. Se experimentasses a dor por ter que dizer não, uma e muitas vezes, tua vida disponível mudaria de rumo.

Ontem, chegou o Júlio Manuel, da Gafanha da Vagueira. Andou por lá, até aos 11 anos. Fazer dele um homem é missão que nos cabe. Era a hora do almoço. A ementa do dia soube-lhe bem. Tanto bastou para não sentir mais saudades dos sítios por onde andara. As pessoas amigas que o acompanhavam, choraram de alegria por vê-lo no seu lugar. Foram-se, inquietas, por saber que mais

se poderia fazer se também elas pudessem ficar a servir o Júlio Manuel e os outros.

Na hora, dita dos beijos, encontramos-nos, ao vivo, com Pai Américo. Depositou nas mãos do Povo de Deus, simples, humilde, pobre, a herança da Obra da Rua. Se a parte material está por Sua conta, do seio do Povo não-de sair também aquelas ou aqueles que a levarão por diante.

Não estranheis que esta nota seja uma constante das Notas da Quinzena.

«Não sabíamos» — disseram ontem as pessoas que acompanharam o Júlio Manuel. «Pensávamos que era um assunto só de Padres», respondeu um casal muito interessado. «As religiosas podiam resolver o problema feminino», comentava um grupo de Amigos.

A resposta há-de ser esta: — Quero entregar a minha vida, ao jeito da mãe e do pai de família.

Padre Manuel António

## «Fazer grandes coisas como quem brinca»

Se quisesse filiar esta palavra-ordem de Pai Américo num capítulo do seu pensamento, nem sei se seria mais cabido enquadrá-la num tema de Pedagogia, se de Espiritualidade. Talvez nos dois... Mas decerto a Pedagogia como corolário da Espiritualidade.

Aliás, em Pai Américo é sempre assim. Ele é um homem de um só livro: os Evangelhos. Foi neles e só neles que aprendeu; deles que deduziu a pedagogia em que é mestre de mestres, a julgar pelo interesse que desperta nos trabalhadores desta matéria, pelos estudos e teses já publicados sobre o seu pensamento e prática de educador.

Na verdade, perante Deus, quem somos nós senão meninos de quem o próprio é brincar?! E que são as nossas «grandes coisas» diante das maravilhas que Ele faz?!

Toda a espiritualidade de Pai Américo, justamente porque bebida directamente do Evangelho, está impregnada da valorização do que é pequeno aos olhos do mundo. Se o «deixai vir a Mim os pequeninos» o marcou profundamente, conforme o exprimiu na sua escolha para o retábulo da nossa Capela em Paço de Sousa, não apagou da sua alma a inquietação de ele próprio se tornar pequenino, como condição de entrada no Reino dos Céus.

Dá a sua espontaneidade, a simplicidade que imprimiu em todos os seus actos, o permanente descobrir o segredo do «ovo de Colombo» que foi a sua vida.

Próprio das crianças é admirar. E ele era um homem sempre admirado. As belezas da Natureza que o encantavam e lhe despertavam o louvor, os processos piores de vida da mesma Natureza, onde reconhecia o dedo do Criador e uma sugestão para agir, foram a

fonte primeira da sua inspiração. Isso o não furtou à suspeita de naturalista. Mas não foi à Natureza, às coisas triviais que dizem tanto ao homem, que Jesus foi buscar o termo de comparação das Suas parábolas?!

E a admiração continuava na surpresa com que revia o sucesso das suas palavras ou das suas acções, na reacção humilde de repúdio pela autoria das mesmas: «Mas fui eu que disse?... Mas fui eu que fiz?!»

O Evangelho é feito de coisas pequeninas. Nunca o espectacular é n'Ele procurado. Mesmo os milagres de Jesus nada têm de comum com os prodígios do Senhor no Antigo Testamento, sobretudo no Êxodo. Tudo sai dos lábios ou das mãos do Mestre marcado pela simplicidade, temperado pela misericórdia. Por isso os Seus discípulos são necessariamente simples; e é no seu coração tocado pelo sofrimento dos homens que descobrem os mananciais com que não-de dar luz aos que estão nas trevas, esperança aos desesperados, caminho aos transviados.

Pai Américo foi assim. Sorria interiormente das laudas de que era objecto; nem elas eram capazes de distorcer o seu conceito de si-próprio: um instrumento a quem Deus dava valia servindo-Se dele como queria.

Quando vejo os nossos pequeninos na sua faina — eles que são, porventura, os que proporcionalmente mais trabalham nas nossas comunidades — fazendo as grandes coisas que têm de ser feitas e brincando à mistura, lembro-me muitas vezes desta palavra de Pai Américo e penso na profundidade dela e na responsabilidade que nos compete de a assumirmos também.

Padre Carlos

# Calvário

● Engenheiro amigo passou connosco um mês, ajudou a tratar os doentes. Sobretudo, conviveu com eles com muita ternura e amizade. Ficou lá dentro uma sementinha.

Numa rua de movimento, lá na cidade onde vive, foi abordado por soldado da Cruz Vermelha para trabalhar no movimento. Que sim; mas, «se...»: Orientação de esforços para a criação dum pequeno «Calvário» anexo (complemento) ao Hospital — para os doentes que ninguém quer e as estru-

turas actuais dos hospitais não atingem.

Este «se»!  
A sementinha!  
O germinar silencioso e imparável!

Que a chuva de Deus humedeça aquele chão!

E mais sementes sejam lançadas à terra.

● Esteve connosco, num repente, o Primeiro-Ministro. Em cima do repente veio a chuva. Tive pena de não ter

podido dar-lhe um recadinho. Aqui fica:

Queria ter mostrado uma pasta volumosa, onde esperam centenas de pedidos de hospitais, assistentes sociais, párocos, tribunais, conferências vicentinas e famílias.

Pedidos urgentes para admissão dos rejeitados incuráveis, deficientes profundos e paráliticos.

Junto de cada hospital, senhor Primeiro-Ministro, um pequeno «Calvário» para os acolher.

Podia ser também uma preocupação de cada Câmara: Ao lado das tarefas com lixos, jardins, ruas e esgotos (e em primeiro lugar), os doentes que não têm quem cuide deles.

Não meçamos os deficientes pelo grau da sua produtividade, mas e sempre — como fontes de ternura e fraternidade.

● — Não têm pessoal técnico? Enfermeiros especializados?

— Não, não temos. Primeiro, os nossos doentes passaram já por todas as técnicas hospitalares e foram dados sem remédio.

Segundo, o que eles agora precisam é do corpo limpo, cama limpa, alimentação e, sobretudo, muito carinho. Isto não sai, necessariamente, das oito horas de serviço. Muito melhor de pessoas vocacionadas que dêem todo o tempo e todo o amor.

Terceiro, o princípio válido da nossa Obra — de doentes, para doentes, pelos doentes.

São, pois, os doentes ainda válidos que connosco dão de comer aos que não podem, fazem as camas, limpam e vestem.

Não olham o vazio... As suas vidas, dentro do Calvário, têm um sentido de ajuda e amor ao Outro — dentro da sua própria realização. E assim.

## MAIS UM LIVRO NO PRELO

### «Correspondência dos Leitores»

É o 11.º título, 17.º volume da colecção com a marca de Pai Américo.

Um livro escaldante. Cartas de todos os matizes, de todos os cantos do mundo. Algumas delas, «setas despedidas de corações que vão ferir corações». Nenhuma igual, como não há duas pessoas iguais — virtude da Criação. Outras, com «divergências». Mas, «se da pancada de hoje vier a sair algum bem, vale a pena dar o corpo à manifestação».

O Leitor d'O GAIATO é rei. Pai Américo, a caixa do correio — «lugar sagrado».

Vêm lá «a pedir normas como se eu fora mestre!», ironiza à sua maneira com um pontinho d'admiração. «Nesta ciência», esclarece, «só há um Mestre; o mais são tudo irmãos».

«Correspondência dos Leitores», um livro de Eternidade.

Sim; o homem é o que é. Pode mudar facetas ou roupagens, mas, por dentro, o d'ontem é como o d'hoje.

Para muitos, com certeza, será mais um livro de cabeceira que, do princípio ao fim, expressa um dos carismas de Pai Américo: a comunicação. Diálogo sem retórica. A palavra certa no momento certo, de forma que toda a gente entenda — sua maior preocupação.

As páginas do «Correspondência dos Leitores» que ora deslizam velozmente na offset, talvez sejam um dos melhores repositórios d'O GAIATO. E, para alegria de Pai Américo, na Mansão Celeste, a chama perdura em nossos dias, até ao fim dos tempos — pela transcendência das almas.

Júlio Mendes

Padre Telmo



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (056) 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel